

RIO DE JANEIRO

Em 1 de janeiro de 1502 quando a primeira expedição portuguesa veio explorar a costa brasileira, ao entrar na barra da Baía de Guanabara, confundiu-a com a foz de um grande rio, chamando-a de Rio de Janeiro. Este nome, desde então, passou a designar as terras que ficavam em torno daquela baía. Quando em 1534 D. João III, Rei de Portugal, dividiu o Brasil em capitanias hereditárias, dois lotes foram doados a Martim Afonso de Sousa. O primeiro, que não foi colonizado, reverteu à Coroa, com o nome de Capitania do Rio de Janeiro. O segundo desenvolveu-se com o nome de São Vicente.

Em 1555, invasores franceses, sob o comando de Nicolau Durand de Villegaignon, instalaram-se nas ilhas da Baía de Guanabara com o propósito de fundar a França Antártica. Fizeram aliança com os primitivos habitantes da terra, os índios tamoios, ameaçando seriamente o domínio português no Brasil. Os governadores-gerais do Brasil - Duarte da Costa e Mem de Sá - tentaram expulsar os franceses do Rio de Janeiro e não conseguiram. A conselho dos jesuítas Nóbrega e Anchieta, a rainha-regente D. Catarina, resolveu ordenar a fundação de uma cidade às margens da Baía de Guanabara que teria como função principal a defesa desse trecho do litoral brasileiro. Assim, no dia 1º de março de 1565, Estácio de Sá desembarcou numa praia entre o Pão de Açúcar e o Morro Cara de Cão, instalando oficialmente a cidade que se chamou São Sebastião do Rio de Janeiro, em homenagem ao rei-menino de Portugal D. Sebastião e ao santo do mesmo nome, que se tornou o padroeiro da cidade.

Durante cerca de dois anos, Estácio de Sá comandou a defesa da cidade, aproveitando-se do relevo acidentado da área para construir tranqueiras que impediam a aproximação do inimigo. As lutas, nesse tempo, eram de emboscadas. A expedição de Estácio de Sá que, não era grande, partiu de Portugal e foi acrescida de soldados recrutados entre pequenas povoações da Bahia, Espírito Santo e São Vicente. Muitos índios, como os Temiminós, participavam da defesa portuguesa, contudo, o contingente era ainda deficiente para destroçar as forças francesas e tamoias. Por isso, o próprio Governador-Geral Mem de Sá saiu de Salvador, então capital da Colônia, e veio ajudar seu sobrinho Estácio de Sá no combate aos franceses.

A 20 de janeiro de 1567, trava-se uma batalha decisiva, no forte Uruçumirim (local do atual Outeiro da Glória), e os franceses foram obrigados a abandonar suas instalações, retornando à França. Três dias depois, foi destruído o último reduto francês, o Forte de Paranapecu, na Ilha do Governador. Era a expulsão definitiva do inimigo e a primeira vitória para a cidade recém-fundada que, até hoje, guarda por tradição alguns dos fortes que serviram para consolidar o domínio português. No combate de Uruçumirim, Estácio de Sá foi mortalmente ferido no rosto por uma flecha envenenada, vindo a falecer um mês depois. A administração da cidade passa, então, a ser feita pelo próprio Governador-Geral Mem de Sá que logo providenciou a transferência da urbe para lugar mais seguro e espaçoso, o alto de um morro, que teve várias denominações, entre elas:

Descanso e São Januário, consagrando-se, contudo, a de Morro do Castelo, mais tarde demolido, onde, hoje, se encontra a Esplanada do Castelo.

Em 1568, Mem de Sá retorna a Salvador e deixa outro sobrinho - Salvador Correia de Sá - administrando o Rio de Janeiro. A cidade foi crescendo no Morro do Castelo, onde foram construídos os primeiros prédios importantes, como a *Casa da Vereança*, a *Igreja Matriz de São Sebastião*, o *Colégio dos Jesuítas*, a *Igreja de Santo Inácio*, além de armazéns e residências.

Para efetivar o povoamento da região, sesmarias são distribuídas por todo o sertão carioca e começam a surgir os engenhos de açúcar, as lavouras, os curtumes. Onde houvesse uma pequena comunidade, aparecia uma capelinha, a fim de que os colonos pudessem cumprir seus deveres de católicos. Em pouco tempo a cidade começa a descer o morro e espalhar-se pela várzea.

Ainda no final do século XVI começam a chegar os primeiros escravos da África para trabalhar nos engenhos de açúcar. Segundo estimativa de Anchieta, a população do Rio de Janeiro e arredores era de 3.850 habitantes, sendo 3.000 índios, 750 brancos e 100 negros. Distingue-se o século XVII do anterior, no que se refere à vida da Cidade do Rio de Janeiro, pela época em que se formou o espírito cívico da população, tempo em que os cariocas aprenderam a resolver seus problemas cotidianos.

Ao iniciar-se aquele século, existia à margem da Baía de Guanabara um modesto povoado, de casas de barro e pau-a-pique, mal alinhadas, que se estendeu até a várzea sem a menor preocupação de urbanização. No final do mesmo século estava a cidade constituída, não apenas administrativa, mas, também, socialmente. Desdobravam-se as ruas na baixada central, aquelas modestas casinhas cediam lugar a numerosos sobrados na Rua Direita. Até o governador da cidade foi residir naquela rua, que hoje é a Primeiro de Março. Foi o século da agricultura, da fixação dos povoadores nas sesmarias distribuídas pelos governadores e da construção dos conventos de três importantes ordens religiosas que aqui se haviam estabelecido - *Beneditas*, *Franciscanas* e *Carmelitas* - respectivamente *Mosteiro de São Bento*, *Convento de Santo Antônio* e *Convento do Carmo*. Foi, também, quando se deu a primeira rebelião popular da cidade que abalou até a confiança da Coroa Portuguesa. A população do Rio de Janeiro, nessa época, atingiu a 12.000 habitantes.

No século XVIII, a zona urbana do Rio de Janeiro começa a ampliar seus limites além da "Vala" , hoje *Rua Uruguaiana*, estendendo-se as novas ruas às imediações do "Campo da Cidade", onde mais tarde se situou o *Campo de Santana*. Com a extinção da Companhia de Jesus, em 1759, as fazendas e engenhos da zona rural, "o sertão carioca", começaram a se repartir em pequenas chácaras, vivendas confortáveis que se originavam nas zonas norte e sul da cidade. Era o surgimento de *São Cristóvão* e *Botafogo*, como áreas novas procuradas pela população.

A presença dos vice-reis no Rio de Janeiro estimulou uma vida social mais intensa e, surgem a partir de 1767 os primeiros teatros da cidade: A *Casa da Ópera*, do Padre Ventura, e o *Teatro de Manuel Luís*. Os transportes para pequenas distâncias aumentam: cadeirinhas, liteiras, serpentinas e palanquins são vistos com frequência no fim do século. As festas populares se aprimoram com a vinda, em 1808, da família real portuguesa para o Brasil, aparecendo o desfile de

"carros de idéias", que seriam um prenúncio dos préstitos carnavalescos. O aspecto geral da cidade, também, melhorou com as primeiras medidas sanitárias além de outras, visando à infra-estrutura urbana: *calçamento das Ruas da Vala e do Cano, aterro de lagoas da zona urbana, isolamento de leprosos num hospital, construção de um cais, abertura dos primeiros jardins e praças, iluminação com lâmpões de azeite de peixe, construção de chafarizes*, úteis e belos, graças a primeira adutora do Carioca. Surgem, ainda, os primeiros prédios públicos dignos de uma capital, como o *Palácio dos Governadores* (o Paço Imperial na Praça Quinze de Novembro), o *Palácio Episcopal*, no Morro da Conceição, o *Senado da Câmara* (no mesmo local onde hoje está o Palácio Tiradentes), a *Casa do Trem* (posteriormente Arsenal de Guerra, hoje Museu Histórico Nacional), o *Arsenal da Marinha*, o *Hospital Militar* e *vários quartéis de Infantaria, Artilharia e Cavalaria*. Muitas igrejas se erguem, como a do *Carmo* (na Praça Quinze de Novembro) e a de *São Francisco da Penitência* (ao lado do Convento de Santo Antônio). Capelas e pequenas ermidas de séculos anteriores se transformam em imponentes templos. A população aumenta, o comércio se expande, o porto melhora. O café começa a ser cultivado no Rio de Janeiro e, segue o seu caminho pelo Vale do Paraíba. A cidade , porém, não perde suas tradições provincianas: horas anunciadas pelos badalos de sinos, relógios de sol, comemorações religiosas, procissões promovidas com aparato pelas irmandades rivais, casas sem venezianas, poucos divertimentos para as mulheres.

Assim, com cerca de 50.000 habitantes, o Rio de Janeiro chega ao final do século XVIII. Muitos melhoramentos recebeu a cidade no século XIX. Se compararmos à pequena capital da Colônia encontrada por D. João, com a extensa cidade deixada por D. Pedro II, veremos que muitas diferenças se faziam notar, a começar pelos limites da parte urbana que eram bem outros. Enquanto no alvorecer do século XIX, no tempo dos Vice-Reis, o núcleo urbano atingia apenas o Campo de Santana - ainda um simples terreno baldio, sem jardins - no final do mesmo século a urbanização do Centro ultrapassava o Largo do Rossio Pequeno, depois *Praça Onze de Julho* e, fazia-se necessária a drenagem dos pântanos que atingiam São Cristóvão, através do *Canal do Mangue*. A evolução dos transportes coletivos, o trem e o bonde assinalaram o desenvolvimento dos subúrbios e dos novos bairros residenciais, antes sertão da cidade.

O abastecimento de água domiciliar que obrigou o governo a captar novos mananciais fluminenses, também, possibilitou a fixação de uma população mais numerosa. A iluminação a gás, a partir de 1854, depois a implantação da eletricidade, foram fatores importante na transformação do Rio. O problema das comunicações, com muitas introduções de novos processos, como o telégrafo, o correio domiciliar, o cabo submarino para o telégrafo e até o telefone, foi outro aspecto importante de modernização. Medidas a favor da higiene, como o sistema de esgotos, construção de hospitais e cemitérios públicos vieram contribuir para reformular o conceito negativo que os estrangeiros tinham do Rio.

Os acontecimentos políticos, como a *Guerra do Paraguai*, a *Campanha Abolicionista* e a própria *Proclamação da República*, repercutiam intensamente nesta capital, a ponto de influir diretamente na mudança da nomenclatura dos lugares públicos. As conseqüências desses eventos não se refletiram somente nesse aspecto, mas, sim, no próprio estilo de vida do carioca, isto é, sobre a

sociedade de então. Por exemplo, a falta do trabalho escravo nas velhas mansões no estilo palacete do Segundo Reinado, vivendas que possuíam imensos jardins e numerosos cômodos a zelar, obrigou muitos nobres senhores a se desfazerem das mesmas. O próprio Governo Provisório comprou alguns desses palácios e os utilizou para suas repartições públicas. Tal foi o caso do Palácio Itamarati, transformado, depois, em *Ministério das Relações Exteriores*, onde hoje funciona o Museu Histórico e Diplomático do Palácio Itamarati. A mudança do sistema de governo monárquico em republicano, de certa forma, também influenciou na democratização das moradias. O desaparecimento da classe nobre igualou os cidadãos da nova República e, as grandes chácaras da Tijuca, Andaraí, Botafogo e Laranjeiras foram loteadas, exigindo menor número de serviçais. As que se mantiveram foram ocupadas por hotéis, colégios, asilos, prédios públicos e, quando muito desvalorizadas, se transformaram em "cabeças de porco" ou "cortiços".

A cidade crescia para os lados do mar, na Zona Sul, de maneira a arejar mais o centro. Em 6 de julho de 1892, a *Companhia Ferro Carril Jardim Botânico* abria o primeiro túnel para ligar o Centro ao longínquo bairro praiano de Copacabana. No início do século XX, na gestão do prefeito Pereira Passos que participara no Segundo Reinado da construção da Estrada de Ferro Corcovado, o Rio sofreu uma grande transformação que lhe daria um aspecto inteiramente modernizado. O presidente da República *Rodrigues Alves* dera carta branca a *Pereira Passos* e a seus principais auxiliares: *Oswaldo Cruz* e *Francisco Bicalho*. Este foi o construtor do novo *Porto do Rio de Janeiro*, inaugurado em 1910. *Oswaldo Cruz* saneou a cidade, acabando com três epidemias terríveis que vinham assolando a população a cada ano: febre amarela, varíola e peste bubônica. Destacou-se, ainda, a figura do engenheiro *Paulo de Frontin*, encarregado de construir a maior parte das obras projetadas pelo prefeito *Pereira Passos*. Os melhoramentos de *Pereira Passos* atingiram a cidade de ponta a ponta, começando pelo Centro, onde se abriu a *Avenida Central*, hoje Rio Branco, a mais larga da época. Outras ruas foram rasgadas e, muitas, alargadas na área central; jardins remodelados, outros criados. Os subúrbios, também, foram beneficiados. A *Floresta da Tijuca* teve seus caminhos alargados, a *Avenida Beira Mar* foi aberta até Botafogo.

Depois de *Pereira Passos*, outros prefeitos realizaram obras notáveis na cidade como, por exemplo, *Carlos Sampaio* que iniciou o arrasamento do *Morro do Castelo*, abrindo novo espaço para a urbanização de uma grande área no Centro, onde seriam inaugurados vários Ministérios. A derrubada do Morro do Castelo levou consigo boa parte da história do início da cidade do Rio de Janeiro que lá se instalara, quando da expulsão, definitiva, dos franceses, no século XVI.

Até 1945 surgiram importantes avenidas como a *Presidente Vargas* e a Brasil. São dessa época o *Parque da Cidade*, na Gávea, o *Jardim de Alah*, o *Corte do Cantagalo* e a *estrada cimentada para o Corcovado*. Nos anos de 1950 e 1960 foram destaques: a demolição de boa parte do Morro de Santo Antônio, para o aterro do *Parque do Flamengo*. Apesar da mudança da capital para Brasília, em 1960, o Rio de Janeiro, transformado em cidade-estado da Guanabara, continuou sendo importante *pólo turístico, cultural e comercial*. Os investimentos públicos se intensificaram nas áreas mais ricas, acelerando o processo de especulação

imobiliária. A única cidade-estado do país ficou sob a administração do, então, governador *Carlos Lacerda*, o primeiro da Guanabara, que desativou o serviço de bondes, substituindo-os por *ônibus elétricos*, de curta existência. Abriu *dois túneis complementares* em Copacabana, além do túnel Santa Bárbara, entre os bairros de Catumbi e Laranjeiras e, ligou as Zonas Norte e Sul, com o *Túnel Rebouças*, na época o maior túnel urbano do mundo. Urbanizou o Aterro do Flamengo, construiu a *Rodoviária Novo Rio*. Realizou a política de construção de viadutos e vias expressas para desafogar o trânsito, adotando o *Plano Doxiades*, do qual resultou, anos depois, a construção das linhas Vermelha e Amarela. Levantou bairros proletários para a população de favelas, removendo-as dos morros de áreas nobres da cidade. Deu término à construção da *Adução do Guandu* para a normalização do fornecimento de água à cidade.

No final da década de 1960 e nos anos de 1970, grandes obras foram realizadas: o alargamento da praia de Copacabana, tornando sua curva atlântica ainda mais encantadora; o *Elevado da Avenida Paulo de Frontin*; a primeira etapa da *auto-estrada Lagoa-Barra*; a *Ponte Rio-Niterói* e o *Metrô*. O urbanismo moderno encontrou sua última expressão no *Plano Lúcio Costa* para a Baixada de Jacarepaguá e Barra da Tijuca. Em 1975, com a fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, a cidade passou a ser a capital do estado com o título de *Município do Rio de Janeiro*.

Na década de 80 (1983 a 1986) e início da década de 90 (1989 a 1992), o governador *Leonel Brizola*, o primeiro governador eleito após a ditadura militar, além de construir a *Linha Vermelha*, priorizou projetos de grande extensão social como a *o Plano Inclinado do Pavão-Pavãozinho*, a *Passarela do Samba*, com suas salas de aula funcionando durante o período letivo, o *Programa Especial de Educação nos Centros Integrados de Educação Pública – CIEPs*.

A década de 90 foi importante e representou mudança para a vida da cidade. Podemos apontar o ano de 1992, com a escolha do Rio de Janeiro como centro mundial do debate sobre desenvolvimento e meio-ambiente, com a *Eco 92*. Este fato desencadeou uma série de ações governamentais traduzidas em investimentos na cidade, além de devolver a auto-estima do carioca. A partir de 1993, a cidade do Rio de Janeiro experimentou uma fase marcada por grandes obras públicas.

A construção da *Linha Amarela*, importante via de ligação entre a Zona Norte e Zona Oeste, a *expansão das linhas 1 e 2 do Metrô* foram obras importantes para o desenvolvimento da cidade. Num país de civilização jovem como o Brasil, uma cidade de mais de quatrocentos anos representa um patrimônio que deve ser zelado pelos brasileiros e conhecido pelos estrangeiros, já que possui um espírito formado através de muitas gerações, que trabalharam em seu solo, lutando contra obstáculos imensos. Por circunstâncias várias, o Rio de Janeiro foi sempre uma cidade aberta a todos. É aí que reside a sua principal característica: a alma carioca da cidade, essa alma tão conhecida pelo seu humor, pela sua espontaneidade, pela sua hospitalidade, pela sua grandeza em acolher a todos com o mesmo amor.

P.s.: O gentílico "carioca", aos nascidos na cidade, só foi usado a partir de 1834, quando da criação do município neutro desmembrado da província do Rio de Janeiro. Antes disso, os nascidos aqui eram chamados de fluminenses, como

ainda o são os nascidos no Estado do Rio de Janeiro, não na cidade. Gentílico derivado da palavra latina *flumens*: rio. A origem do topônimo carioca - *cari*=branco + *oca*=casa --, ou seja casa de branco, numa alusão a casa de pedra mandada erguer por Gonçalo Coelho, na expedição portuguesa de 1503, o primeiro desembarque de europeus em terra do Rio de Janeiro. No entanto é um argumento pouco provável. É mais fácil acreditar que o local era chamado pelos tamoios de Acari-oca, toca de acará, peixe abundante naquela praia. Do local o nome passou a designar os habitantes do Rio de Janeiro.

EVOLUÇÃO POLÍTICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

De 1565 a 1763 - Rio de Janeiro, simples cidade do litoral sudeste do Brasil. De 1763 a 1808 - Rio de Janeiro, capital da Colônia e sede do Vice-Reino do Brasil. De 1808 a 1821 - Rio de Janeiro, capital da Colônia e sede do Governo Português. De 1822 a 1831 - Rio de Janeiro, capital do Primeiro Reinado. De 1831 a 1840 - Rio de Janeiro, sede da Regência. Em 1834 surge o Município da Corte ou Neutro. De 1840 a 1889 - Rio de Janeiro, capital do Segundo Reinado. De 1889 a 1960 - Rio de Janeiro, capital da República. Em 1891 transformou-se em Distrito Federal. De 1960 a 1975 - Rio de Janeiro, capital do Estado da Guanabara. De 1975 em diante - Rio de Janeiro, capital do novo Estado do Rio de Janeiro. Transforma-se o Estado da Guanabara em Município do Rio de Janeiro, com a fusão do antigo Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara. A delimitação do atual Município do Rio de Janeiro foi feita em 1834, pelo Ato Adicional, quando se criou o Município da Corte, vulgarmente chamado de Neutro.

FUNÇÕES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Desde sua fundação até os dias de hoje, a cidade tem tido várias funções, a de defesa, testemunhada pelos fortes mantidos, como marcos históricos e abertos à visitação. Outras surgiram a seguir, pelas próprias necessidades da população: função de porto, decorrente da posição natural da cidade, à margem de uma baía abrigada; a função comercial, quando as riquezas da terra começaram a ser desenvolvidas; função administrativa, quando o Rio de Janeiro passou a sede do Vice-Reino; função política, quando grandes acontecimentos históricos se operaram no Rio, como o movimento que preparou a Independência do Brasil e, depois, a sua consolidação, a *Abolição da Escravidão*, a *Proclamação da República*, a *Passeata dos Cem Mil*, em protesto contra a ditadura militar em 1968, a manifestação que levou um milhão de cariocas à Candelária (1984), pelas *eleições diretas* para presidente da República e, em 1992, os "caras pintadas", estudantes que tomaram as ruas para exigir o impedimento do então presidente; a função industrial quando, pela introdução da eletricidade, a instalação de indústrias começou a transformar o panorama da cidade; função cultural, já que grandes centros de estudos e escolas superiores, como a *Escola Naval*, o *Instituto Militar de Engenharia*, a *Escola de Comando e Estado-Maior do Exército*, a *Escola Superior de Guerra*, a *Universidade Federal do Rio de Janeiro*, a *Pontifícia Universidade Católica*, a *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, centros de conhecimento avançado de renome no Brasil e no exterior como a *Fundação Oswaldo Cruz*, o *Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro*, a *Fundação Getúlio Vargas*, o *Instituto de Matemática Pura e Aplicada*, centros

culturais, a *Academia Brasileira de Letras*, a *Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, teatros, salas de concertos e de espetáculos, bibliotecas, museus, edifícios históricos importantes; finalmente a função turística, aproveitando a história, as belezas naturais e os empreendimentos que se valem da situação pitoresca da cidade.

Fontes: www.rio.rj.gov.br
In www.cide.rj.gov.br/cidinho
In www.inepac.rj.gov.br

OUTRAS INFORMAÇÕES

Região de Governo - Metropolitana

Legislação de Criação-1/3/1565

Instalação- 1/3/1565

Aniversário – 1/3

Destques* – Acervos da Biblioteca Nacional, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Arquivo Nacional, do Arquivo Histórico, do Arquivo Noronha Santos pertencente ao Iphan, da Biblioteca Noronha Santos pertencente ao Iphan, do Museu Histórico Nacional, da Biblioteca Paulo Santos, sediada no Paço Imperial, da Mapoteca do Itamarati, do Serviço de Documentação da Marinha e Arquivístico do Arquivo Histórico Exército, Coleção Banco do Estado do Rio de Janeiro (antigo Banerj), composto de 888 obras, Painéis atribuídos a Leandro Joaquim na Igreja Nossa Senhora do Parto, Murais de Di Cavalcanti no Teatro João Caetano, 802 obras de Arthur Bispo do Rosário, Cemitério Dos Ingleses, Ladeira da Misericórdia, Campo de Santana, Real Gabinete Português de Leitura, Grande Oriente do Brasil, Teatro Municipal, Confeitaria Colombo, Cinema Iris, Quartel Central do Corpo de Bombeiros, Restaurante Albamar, Academia Brasileira de Letras Palácio Pedro Ernesto, Fundação Progresso, Lampadário do Largo da Lapa, Relógio do Largo da Carioca, Bondes de Santa Teresa, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Faculdade de Direito da UFRJ, Casa Cavé, Solar do Visconde do Rio Seco, Sociedade Brasileira de Belas Artes, Prédio do Antigo DOPS, Museu da Imagem e do Som, Hospital Moncorvo Filho, Ilha Fiscal, Teatro Nacional de Comédia (atual Glauce Rocha), Reservatório do Morro de São Bento (1877), Palácio Duque de Caxias, Igreja de Santo Elesbão e Santa Efigênia, Igreja de Nossa Senhora do Terço, Sala Cecília Meireles, Companhia Estadual de Gás, Estação Ferroviária Leopoldina, Passarela do Samba, Pórtico do antigo Matadouro Público, na Praça da Bandeira, 1º Templo Metodista do Brasil, Palácio das Laranjeiras, Casas Casadas, Relógio da Rua da Glória, Casa do Estudante Universitário, Largo do Boticário, Museu do Folclore, sede do Fluminense Futebol Clube, Igreja de Nossa Senhora da Glória, Instituto Benjamin Constant, Prédio da SEAERJ - antiga Estação da City Improvements, Parque Henrique Lage, Parque da Gávea, Edifício da Obra do Berço, Hospital da Lagoa, Reservatórios dos Macacos (1877), da Quinta da Boa Vista (1867), e do Pedregulho (1880), Marco 5 das Sesmarias da Tijuca, na Estrada do Joá, Instituto de Educação, Parque Ary Barroso, Coreto na Praça Catolé do Rocha, Colônia Juliano Moreira, Capela de Monserrate, Bangu Atlético Clube, antigo Cassino da Vila Operária da Fábrica de Tecidos, Serra de Madureira e Serra do Mendanha, Parque Estadual da Pedra Branca, Reserva Florestal do Grajaú, Pedra do Sal, Ilha de Brocoió, 10 Árvores em ruas de Paquetá, Pedra da Moreninha, Pedra dos Namorados, Morro Dois Irmãos Reserva Biológica de Jacarepaguá, Pontal de Sernambetiba, Pedra de Itaúna, Morro do Urubu, Pedra da Baleia, Praia de Grumari, Sítio Santo Antonio da Bica, onde é cultivada a coleção de plantas de Roberto Burle Marx.

*Inepac